



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

CARLA CARVALHO DA SILVA

ESCOLA E FAMÍLIA: QUE RELAÇÃO É ESSA?

Salvador
2010

CARLA CARVALHO DA SILVA

ESCOLA E FAMÍLIA: QUE RELAÇÃO É ESSA?

Monografia apresentada ao Curso de graduação de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Uilma Rodrigues de Matos
Amazonas

Salvador
2010

SUMÁRIO

Introdução.....	10
1.Referências históricas e sociais sobre família e escola na sociedade brasileira	13
1.1 Espaço Família	14
1.2 Espaço Escola	20
2. A família e a escola na contemporaneidade	25
3. Que relação é essa?	31
4. Considerações Finais.....	41
5. Referências	44

AGRADECIMENTOS

Considero que para realização desta monografia houve um longo caminho trilhado, antes mesmo da vida acadêmica, e que este vem sendo auxiliado direta e indiretamente, por várias pessoas importantes para minha formação profissional, bem como pessoal quero desta forma, reservar este momento pra agradecer, ainda que de forma bastante singela, a todos que contribuíram para concretização deste trabalho.

Não é nada fácil e de certa forma, pode até ser injusto os agradecimentos apenas algumas pessoas. Para não cometer nenhuma injustiça, agradeço de antemão a todos que passaram por minha vida e que certamente acrescentaram algo. No entanto, não tem como deixar de destacar algumas pessoas que contribuíram diretamente. Sendo assim meus sinceros agradecimentos e profunda gratidão.

Á Deus, o que seria de mim sem a fé que tenho nele!

Aos meus pais Carlos e Rosa, pelo amor incondicional, estímulo, dedicação, já que nunca mediram esforços para que eu chegasse até aqui;

Á minha irmã, Zane pela compreensão e apoio nos momentos difíceis;

Á minha orientadora, Uilma Amazonas, por seu apoio e inspiração no amadurecimento dos meus conhecimentos e conceitos que levaram a realização e conclusão desta monografia;

Aos meus amigos e colegas, em especial a Márcia Carneiro pela disponibilidade em me auxiliar, pela compreensão, pelo ombro amigo nas horas que mais precisei e por esta ao meu lado sempre fazendo parte de minha trajetória acadêmica;

Enfim, a todos que contribuíram para a realização desta monografia, minha sincera gratidão e
MUITO OBRIGADA!

SILVA, Carla Carvalho. Escola e família: **que relação é essa?** 48 f.2010. Monografia – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

RESUMO

O presente estudo trata de analisar a relação escola e família, focalizando essa relação na atualidade, já que as transformações sofridas pelas duas instituições ao longo do tempo, deram novas configurações a cada uma delas da mesma forma que novas exigências foram incorporadas a prática educativa tornando mais difícil a tarefa de educar. Para construção do texto utilizou-se a metodologia de natureza bibliográfica a partir de autores que discutem sobre o tema. Constata-se que tanto a família quanto a escola passam por transformações significativas e as duas instituições se modificam para atender as necessidades da sociedade contemporânea. Em virtude disso este trabalho é desenvolvido com objetivo de compreender, a escola, a família e a relação existente entre ambos perante as grandes transformações ocorridas principalmente no contexto familiar.

Palavras-chaves: família, escola, relação e contemporaneidade.

Dedico este trabalho aos meus Pais Carlos e Rosa pelo infinito esforço dedicado a mim, e todos aqueles que acreditam que a participação da família no ambiente escolar configura um elemento chave para o processo ensino-aprendizagem.

“A educação é, sem dúvida nenhuma, uma obra complexa demais para ficar apenas sob a responsabilidade da família ou da escola”.

(Vera Sandra Chagas, 2005)

Banca Examinadora

Uilma de Matos Amazonas – Orientadora _____

Profª da Faculdade de Educação

Universidade Federal da Bahia

José Wellington Aragão _____

Profº da Faculdade de Educação

Universidade Federal da Bahia

Sandra Marinho Sirqueira _____

Profª da Faculdade de Educação

Universidade Federal da Bahia

Introdução

Tem-se discutido na mídia, nas escolas, na sociedade como todo, a relevância do envolvimento da família com a escola no que se refere ao processo educativo das crianças.

Encontra-se, significativamente, entre pais e professores da instituição escola, o discurso a respeito da ideologia da colaboração, atribuídos a importância do diálogo e da parceria entre ambos para um melhor resultado de suas ações educativas (Nogueira, 2007)

Entendendo que a criança se desenvolve na interação com o meio em que está inserido e, que os adultos que com ela interagem são responsáveis pelo referencial que constituirá a base de suas vidas relacionais; e também, que o processo de desenvolvimento infantil sofre influência de mudanças que ocorrem em nossa sociedade – é importante compreender as características da contemporaneidade que perpassam tanto na família como na instituição escolar.

Vive-se hoje, em uma sociedade marcada por mudanças bruscas nos aspectos econômicos, políticos e social, muitas vezes difícil de acompanhar – avanços tecnológicos, novas relações homem-trabalho, excesso de informações – que exigem da sociedade uma transformação constante na forma como vê o meio.

A educação atual como diz Pourtois e Dismet (1999, p.19), encontra-se em crise em meio a tantas modificações:

Crise de sentido, crise de complexidade. Ela se confronta com o desafio de responder as necessidades das crianças e dos adultos que vivem num mundo caracterizado pela exaltação das mudanças, pela perda de sentido e de certeza, pela falta de referências. Pais, educadores, professores estão confusos. Muitas crianças estão abandonadas.

De acordo com Nóvoa (2001) e Frigotto (2007) respectivamente, parece que o grande desafio do ser professor no século XXI é reinventar um sentido para a escola buscando outras faces e práticas para o processo educativo.

O mesmo ocorre com as famílias. Observa-se, por exemplo, ao longo dos anos que diferentes concepções são formadas a respeito do conceito de família. A família contemporânea, no caso vem sofrendo modificações, que interferem na sua dinâmica: o ingresso da mulher no mercado de trabalho e o incremento de sua participação em atividades fora do lar, às mudanças significativas na estrutura familiar vem intensificando o trabalho da escola para suprir as necessidades do educando quando a família não está presente.

Nota-se que a família tem deixado o seu papel de educar com a escola, cobrando-lhe uma dupla tarefa: educar a criança para vida, as normas, as regras impostas pela sociedade e educar no sentido de transmitir conhecimentos sistematizados.

Apesar de grande divulgação/discussão, nos últimos anos, sobre os benefícios de um envolvimento pais/professores, ao invés de complementaridade entre as ações de pais e professores, notam-se pontos de tensão entres estas, esquecendo ambos que tanto um quanto o outro influenciam e ajudam a determinar o curso da vida das crianças (Bhering & Siraj-Blatchford 1999, p.195).

Diante do exposto, este trabalho monográfico busca discutir sobre família e escola e a importância da relação entre estas instituições. Para isso é necessário ressaltar as características da família em dias atuais e as responsabilidades educativas na sociedade contemporânea.

Reconhecer a importância da relação entre família e escola é um grande passo para o alcance do sucesso escolar. Entretanto é necessário compreender que o contexto familiar perpassa por grandes transformações e que requer uma maior atenção da instituição escolar para que a relação família/escola possa acontecer.

Assim para compor este trabalho, buscou-se na pesquisa bibliográfica material necessário que tratam da temática. Já que a pesquisa bibliográfica tem por objetivo conhecer as diferentes

contribuições científicas disponível para uma determinada problemática onde pretende explicar o objeto e o fenômeno de pesquisa.

Marconi e Lakatos (2001) dizem que o fim principal da pesquisa bibliográfica é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao pesquisador o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulações de suas informações.

Sendo assim, a opção por esse tema surgiu por acreditar que a participação da família no contexto escolar é de suma importância para o desenvolvimento do processo de aprendizagem da criança tanto no meio familiar quanto educacional.

Neste sentido, vale ressaltar que a proposta inicial para a construção deste trabalho seria falar da importância da participação da família no contexto escolar, mas confesso que logo no primeiro encontro com a orientadora me fez despertar para outros olhares: mas de que família pretendo falar? Se vivemos em uma sociedade de constante mudanças e a concepção de família que tinha em mente já não é mais um modelo vivenciado pela sociedade contemporânea.

Diante disso, despertei! E resolvi investigar e me aprofundar mais, de que contexto familiar a escola está trabalhando? Que relação é essa em meio às constantes transformações?

Os objetivos que este trabalho de conclusão visa alcançar, consiste na discussão sobre família e escola através da literatura disponibilizadas por autores que tratam a temática, analisar os principais aspectos das transformações que essas instituições (Família e Escola) vêm sofrendo historicamente e ressaltar a importância dessa relação, mesmo em constantes transformações.

Assim, este trabalho monográfico é apresentado em três capítulos, uma introdução, considerações finais e referências.

O texto introdutório expõe a justificativa, o problema, objetivos e metodologia empregada para elaboração deste trabalho.

No primeiro capítulo, trata-se das Referências históricas e sociais sobre família e escola da sociedade brasileira, e é dividido em dois itens: “Espaço Família” e “Espaço Escola”, que abordam conceitos, atribuições, responsabilidades e algumas transformações históricas que perpassam sobre essas duas instituições.

No segundo capítulo – A família e a escola na contemporaneidade – desdobra-se nas modificações ocorridas nestas instituições e dos novos arranjos familiares que configura nossa realidade brasileira.

No terceiro capítulo – Que relação é essa? Aborda a importância dessa relação, o que é previsto na Lei e a importância da escola em se modificar para atender a realidade da família contemporânea.

Nas considerações finais, são apresentadas algumas considerações pertinentes ao trabalho desenvolvido, assim como recomendações que considero relevantes à proposta de interação entre família e escola como um meio para obtenção de um ensino de qualidade.

E por fim são apresentadas as referências bibliográficas que contribuíram para o desenvolvimento crítico da construção do presente trabalho.

1.Referências históricas e sociais sobre família e escola da sociedade brasileira

As atribuições da família e da escola sofrem influências das determinações do contexto histórico-social (Cecon;Oliveira;Oliveira,1997; Nóvoa 1998;Catani,1999;Candau,2000). Pode-se afirmar que as práticas educativas da família e da escola, bem como as representações sobre elas, refletem o contexto social em que estão inseridas (Perez, 2000, 2004).

Nas sociedades ocidentais, são inúmeras e diversas as agências de socialização por meio das quais os indivíduos têm acesso aos conteúdos culturais, como a família, a escola, as instituições religiosas, os meios de comunicação de massa etc. No entanto, as influências que os indivíduos recebem das agências socializadoras são diferenciadas, dependendo da inserção desses indivíduos e dos agentes socializadores em determinada camada ou classe social. (Vicente, 1998).

Todavia, mesmo considerando que a classe social determina em grande medida, as condições de socialização e de educação (Bourdieu; Passeron, 1982; D'avilla, 1998; Stehr, 2000), é importante não utilizar esse argumento como o único para a compreensão das instituições educativas, uma vez que é preciso considerar os aspectos particulares do processo ensino-aprendizagem. Não se pode deixar de lado o conhecimento da história de vida pessoal e ocupacional dos membros na família, as dinâmicas presentes nas relações cotidianas no ambiente escolar, as representações que os sujeitos têm do mundo e de suas condições de existência. Cada membro da família de um determinado grupo social, mesmo apresentando uma representação social comum ao grupo, introjeta uma significação dessa representação que lhe é particular, com especificidades e aspectos que só lhe dizem respeito e significado (Berger; Luckmann.1985).

Nos itens a seguir “Espaço família” e “ Espaço escola” rever segundo alguns autores o conceito, função e evolução dessas duas instituições acima citadas. Assim, como acima já abordado, no primeiro item refere-se à família como local de reprodução social. Espaço destinado à transmissão dos padrões sociais, seja por meio do cotidiano e das trocas de

experiências, seja por meio das práticas de socialização e educação das gerações mais novas. E no, segundo item a escola é vista como uma instituição especializada na formação do sujeito onde configura uma importante agência educacional socializadora, que completa o trabalho desenvolvido pelas famílias. E destaque também neste capítulo algumas transformações relevantes no cenário destas instituições que ocorreram ao longo da história.

1.1 Espaço Família

A família é considerado o berço natural de cada indivíduo, onde é , e sempre será o local ideal para a formação e educação de seus membros. A família é o porto seguro das afetividades, bem como dos materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. A família é o âmbito em que a criança vive suas maiores sensações de alegria, felicidade, prazer e amor, o campo de ação no qual experimenta tristezas, desencontros, brigas, ciúmes, medos e ódios (Sutter 2007, p.2).

A família é o lugar do reconhecimento da diferença, do aprendizado de unir-se e separar-se, a sede das primeiras trocas afetivo-emocionais, da construção da identidade. De fato é a principal fonte de socialização do indivíduo ao ensinar-lhe quais os padrões e normas culturais adequados devem ser internalizados e reproduzidos em suas relações sociais (Lasch, 1991).

A família proporciona a aprendizagem de normas sociais que conduzem à interação dos indivíduos dentro de suas paredes institucionais. Ela também fornece um manual prático dos comportamentos e pensamentos permitidos ou não ao indivíduo. Os papéis sociais são desde cedo distintamente assimilados pela criança. A percepção do que é ser pai, ser mãe, ser filho e/ou irmão vai se formando e determinando os modelos de estar do infante ante ao mundo ao longo de sua infância (Stewart, Glynn 1978).

Assim neste sentido, o primeiro grupo de pessoas com quem a criança, ao nascer, tem contato é a família. É interessante que logo a criança já demonstra suas preferências, seus gostos e suas diferenças individuais. Também a família tem seus hábitos, suas regras, enfim, seu modo de viver. É desse modo que a criança começará a aprender a agir, a se comportar, a demonstrar seus interesses e tentará se comunicar com esta família.

Neste sentido é importante citar Tiba (1996, p.178) “É dentro de casa, na socialização familiar, que um filho adquire, aprende e absorve a disciplina para, num futuro próximo, ter saúde social [...]”.

Desde a mais tenra idade, a criança se desenvolve plenamente quando estimulada e incentivada, buscando alternativas de ação, pois a conduta familiar propicia relações sociais e individuais. Dessa forma, ela terá maior oportunidade de assimilar a realidade, seja através da liquidação de seus próprios conflitos, das compensações de necessidades insatisfeitas ou de novas alternativas de busca.

Gokhale (1980) defende que a família além de servir de base para a futura sociedade, desempenha também papel fundamental na vida social do aluno. A educação familiar bem fundamentada possui papel importante no desenvolvimento do comportamento produtivo do discente.

Além de uma educação familiar bem fundamentada, Tiba (1996), defende a inserção da escola na vida familiar do aluno. A família, por outro lado, deve proporcionar atenção e carinho à criança e deve assegurar um ambiente agradável para que a criança consiga de maneira satisfatória resolver seus deveres escolares.

Bartholo (2003) relata que as relações familiares implicam na integração que o aluno apresenta com o processo ensino-aprendizagem, indagando que os pais são o maior valor que pode vir a possibilitar o entendimento do indivíduo. Parolin (2003) completa, a família tem o dever de estruturar o sujeito em sua identificação, individuação e autonomia. Esse processo

ocorre no cotidiano da criança, no qual lhe são oferecidos carinho, atenção e dedicação para que possa suprir suas necessidades, por meio da arte da convivência.

Neste pensamento, segundo Stanhope (1999) as funções mais universais atribuídas à família correspondem a: geradora de afeto, entre os membros da família; proporcionadora de afeto e aceitação pessoal, promovendo um desenvolvimento pessoal natural; “proporcionadora de satisfação e sentimento de utilidade”, através das atividades que satisfazem os membros da família; “asseguradora da continuidade das relações”, proporcionando relações duradouras entre os familiares; “proporcionadora de estabilidade e socialização”, assegurando a continuidade da cultura da sociedade correspondente; “impositora da autoridade e do sentimento do que é correto”, relacionado com a aprendizagem das regras e normas, direitos e obrigações características das sociedades humanas.

Entretanto mudanças significativas ocorreram no cenário da formação e atribuições da família. O acelerado desenvolvimento tecnológico e científico das últimas décadas trouxe vários benefícios e facilidades para a vida em sociedade. No entanto, esse avanço provocou profundas transformações na instituição familiar.

Ao pensar em desenvolvimento de uma criança é inevitável não associar a instituição família, composta por aqueles que são os grandes responsáveis pela integração da criança com seu meio. Para entender a família, é importante que busque a construção social e histórica que perpassam sobre esta instituição.

Ao longo dos anos, diferentes concepções são formadas a respeito do conceito família. A ideia que as pessoas têm sobre o que seja uma família se transforma no decorrer da História em função do contexto social-cultural em que estão inseridas. Desse modo, a família, vista como agência socializadora, não pode ter seu conceito encarado como algo uniforme e estático (Biasoli-Alves, 1994).

É necessário como diz Carvalho (2005, p.15), citando Afonso e Figueiras, enxergar a família como um grupo em movimento no sentido constante de organização-desorganização-

reorganização de arranjos familiares, negando uma naturalização, no contexto sociocultural – nas necessidades e nos projetos dos membros de uma determinada cultura.

Segundo Áries (1981), o sentimento de família passou a existir na Modernidade. Ele relata que na Idade Média e início dos tempos modernos a família era uma realidade vivida, mas não existia como um sentimento ou como valor. Sua função era transmitir bens e nomes, tendo para esse fim uma preocupação com a reprodução. As crianças não pareciam exercer nenhum interesse para os adultos. Elas não eram vistas como diferentes deles e, na medida em que suas especificidades não eram consideradas, usavam o mesmo tipo de roupas, compartilhavam as mesmas brincadeiras e jogos. Sua morte não era especialmente sentida pelos pais que logo substituíam por outra criança.

De acordo com Áries, (1981) o início da Idade Moderna marca o surgimento de um olhar diferenciado sobre a criança, inspirando cuidados por parte dos adultos.

Os pais não se contentavam em pôr filhos no mundo... a moral da época lhes impunham uma preparação para a vida. ... A família moderna retirou da vida comum não apenas as crianças, mas uma parte do tempo e uma preocupação dos adultos. Ela correspondeu uma necessidade de intimidade, e também de identidade: os membros da família se unem pelo sentimento, o costume e gênero de vida. (ÁRIES, 1981,p.194/195)

Esta mudança em relação à instituição família ocorreu de forma gradual, tendo existido até o século XVIII mais ou menos sentimentos contraditórios em relação a criança.

Significativas mudanças ocorreram na sociedade brasileira. Sua transformação de sociedade rural, na qual predominava a família patriarcal e fechada em si mesma, para uma sociedade de bases industriais com suas implicações de mobilidade social, geográfica e cultural acarretou transformações igualmente marcante na estrutura do modelo tradicional de família.

O século XX foi cenário de grandes transformações na estrutura da família. Segundo Rigonatti (2003) ainda hoje, observam-se algumas marcas deixadas pela suas origens. Da família romana, por exemplo, tem-se a autoridade do chefe de família, onde a submissão da esposa e dos filhos ao pai confere ao homem o papel de chefe. Da família medieval perpetua-

se o caráter sacramental do casamento originado no século XVI. Da cultura portuguesa, tem-se a solidariedade, o sentimento de sensível ligação afetiva, abnegação e desprendimento.

Em todo mundo, o conceito de família nuclear e instituição casamento intimamente ligada à família, passaram por transformações. A expressão mais marcante dessas transformações ocorreu no final da década de 60, por exemplo: cresceu o número de divórcios, a religião foi perdendo sua força, não mais conseguindo segurar casamento insatisfatório. A igualdade passou a ser um pressuposto em muitas relações matrimônias.

Chega então o século XXI com a família pós-moderna ou pluralista, como tem sido chamada, pelos tipos alternativos de convivência que apresenta. Caracteriza-se por múltiplos arranjos, é mais flexível, menos estável e as relações entre seus membros são mais igualitárias.

Peixoto e Cicchelli (2000) assinalam que nas últimas décadas falou-se muita a respeito da crise da família, numa alusão à baixa taxa de fecundidade, ao aumento da expectativa de vida e, conseqüentemente, à crescente proporção da população com mais de 60 anos. Além disso, os autores também aludem ao declínio do casamento e da banalização das separações como fatores constituintes da tal “crise”.

Os autores afirmam que o que caracteriza esse processo a que se chama de crise, não é propriamente o enfraquecimento da instituição família, mas o surgimento de novos modelos familiares, de novas relações entre os sexos, numa perspectiva igualitária, mediante maior controle da natalidade, e a inserção massiva da mulher no mercado de trabalho entre, outros aspectos.

Hoje, o tema família parece muito difícil de ser abordado, pois se tem um momento de transição, talvez de desorganização na busca de um modelo adequado para época. Vive-se conflitos das significações instituídas/instituintes em relação ao modo da família se organizar, o conflito de ter que seguir um modelo instituído que parece não ter mais espaço em nosso meio.

O mundo contemporâneo marcado por tantas mudanças bruscas nos aspectos econômicos, políticos e social vem acarretando transformações na organização familiar, remodelando seus

arranjos – casal sem filho, casal com vários filhos, casais recasados com filhos de outras relações, casais homossexuais adotando crianças, casas com apenas um representante parental, entre outros. É importante que se perceba que o modelo de família burguesa que dava ao homem o papel de provedor, responsável por sua manutenção e sustento e a mulher o papel de educadora dos filhos, gerente do lar e da privacidade não cabe mais tomá-la como norma.

De acordo com Sarti (2005, p.43), atualmente, pode-se notar um abandono a tradição – o amor, o casamento, a família, a sexualidade e o trabalho, antes vividos a partir de papéis preestabelecidos, passam a ser concebidos como parte de um projeto em que a individualidade conta decisivamente e adquire cada vez maior importância social.

O aspecto individual desestabilizou os papéis familiares uma vez que eles se chocam com a forma tradicional. Os direitos e deveres de cada membro da família já não são mais pré-determinados. O que prevalece são as negociações e junto com elas, a angústias do ter que escolher, ter que posicionar-se em seu meio.

Hoje, segundo Castoriadis (2007), não há mais um princípio discernível na base da organização da familiar nem estrutura integrada da personalidade do homem contemporâneo – têm-se o fenômeno da inadaptação; desaparecimento de regras e valores; a inexistência de papéis definidos.

O que se vê, portanto, é uma fase de crise na organização familiar, de conflito de valores, refletindo em outras instituições como a escola que precisa estar atenta para essas mudanças no sentido de não reproduzir em seu meio um discurso que reforça estigmas.

Contudo vale ressaltar, que embora a forma de organização familiar venha se modificando, a família continua a exercer funções anteriores como:

- Um sistema de vínculos afetivos;
- Primeiro espaço de educação da criança, de socialização;
- Responsável pela mediação entre indivíduo e sociedade;
- Instituição que auxiliará a criança a perceber o mundo em que vive e como ela poderá situar-se nele.

1.2 Espaço Escola

A escola constitui um contexto diversificado de desenvolvimento e aprendizagem, isto é, um local que reúne diversidade de conhecimentos, atividades, regras e valores e que é permeado por conflitos, problemas e diferenças (Mahoney, 2002). É neste espaço físico, psicológico, social e cultural que os indivíduos processam o seu desenvolvimento global, mediante as atividades programadas e realizadas em sala de aula e fora dela (Rego, 2003). O sistema escolar, além de envolver uma gama de pessoas, com características diferenciadas, inclui um número significativo de interações contínuas e complexas, em função dos estágios de desenvolvimento do aluno. Trata-se de um ambiente multicultural que abrange também a construção de laços afetivos e preparo para inserção na sociedade (Oliveira, 2000).

A escola emerge, portanto, como uma instituição fundamental para o indivíduo e sua constituição, assim como para a evolução da sociedade e da humanidade (Davies & Cols. Rego, 2003). Como um microsistema da sociedade, ela não apenas reflete as transformações atuais como também tem que lidar com as diferentes demandas do mundo globalizado. Uma de suas tarefas mais importantes, embora difícil de ser implementada, é preparar tanto alunos como professores e pais para viverem e superarem as dificuldades em um mundo de mudanças rápidas e de conflitos interpessoais, contribuindo para o processo de desenvolvimento do indivíduo.

Coerente com essa concepção, à escola compete propiciar recursos psicológicos para a evolução intelectual, social e cultural do homem (Hedeggard, 2002; Rego, 2003). Ao desenvolver, por meio de atividades sistemáticas, a articulação dos conhecimentos culturalmente organizados, ela possibilita a apropriação da experiência acumulada e as formas de pensar, agir e interagir no mundo, oriundas dessas experiências. Concomitantemente, ela proporciona o emprego da linguagem simbólica, a apreensão dos conteúdos acadêmicos e compreensão dos mecanismos envolvidos no funcionamento mental, fundamentais ao processo de aprendizagem. Assim a atualização dos conhecimentos cultural e sua organização constante são premissas importantes para entender o papel dela e sua relação com a pessoa em desenvolvimento.

A escola é uma instituição social com objetivos e metas determinadas, que emprega e reelabora os conhecimentos socialmente produzidos, com o intuito de promover a aprendizagem e efetivar o desenvolvimento das funções psicológicas superiores: memória seletiva, criatividade, associação de idéias, organização e seqüência de conhecimentos, dentre outras (Oliveira, 2000). Ela é um espaço em que o indivíduo tenta funcionar de maneira preditiva, pois, em sala de aula, há momentos e atividades que são estruturados com objetivos programados e outros mais informais que se estabelecem na interação da pessoa com seu ambiente social. Por exemplo, na escola, o aluno tem rotinas com hora do intervalo e do lanche, em que os objetivos educacionais se dirigem à convivência em grupo e à inserção na coletividade. No tocante, às atividades acadêmicas, espera-se, por exemplo, que os alunos dominem a interpretação, as regras fundamentais para expressão oral e escrita e realizem caçulos de forma independente.

O currículo escolar estabelece objetivos e atividades, conforme a série dos alunos, facilitando o acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem nas diferentes faixas etárias. Desde o maternal até a educação de adultos, a escola tem peculiaridades em relação à sua estrutura física, à organização dos conteúdos e metodologias de ensino, respeitando e considerando a evolução do aprendiz, bem como articulando os conhecimentos científicos às experiências dos alunos.

Em síntese, a escola é uma instituição em que se priorizam as atividades educativas formais, sendo identificada como um espaço de desenvolvimento e aprendizagem e o currículo, no seu sentido mais amplo, devem envolver todas as experiências realizadas nesse contexto. Isto significa considerar os padrões relacionais, aspectos culturais, cognitivos, afetivos, sociais e históricos que estão presentes nas interações e relações entre os diferentes segmentos. Dessa forma, os conhecimentos oriundos da vivência familiar podem ser empregados como mediadores para a construção dos conhecimentos científicos trabalhados na escola.

Assim sendo, a escola é considerado como mais um espaço significativo em que o desenvolvimento infantil pode ocorrer. Ela soma suas atividades de socialização e

aprendizagem a conhecimento, anteriormente adquiridos pela criança em outros ambientes culturais como a família, isto é, a vivência escolar integra-se ao seu primeiro espaço de educação – o espaço do lar.

A experiência escolar insere-se em um processo contínuo de desenvolvimento do sujeito que se iniciou antes de sua entrada na instituição. Todas as experiências vividas na escola ganharão significado quando articuladas ao processo global de desenvolvimento do indivíduo e não quando concebidas como um aglomerado de experiências independentes, vividas exclusivamente no âmbito escolar (LIMA, 2006, p.6).

Neste sentido é importante a proposta de Tiba (1996, p.140) “O ambiente escolar deve ser de uma instituição que complemente o ambiente familiar do educando, os quais devem ser agradáveis e geradores de afetos. Os pais e escola devem ter princípios muito próximos para o benefício do filho/aluno”.

A escola é, junto como o grupo familiar, uma agência social que exerce influência no desenvolvimento e nas aprendizagens da criança.

Porém, a influencia da escola deve ser compreendida à luz da sua evolução histórica, da qual emergiu como instituição tendo como meta a instruir os educandos das classes sociais privilegiadas sendo, portanto, por um longo período, restrito a poucos.

A escola, assim como a instituição familiar surge na sociedade brasileira atrelada ao olhar diferenciado que é dado a criança. Instituição permeada de valores, discursos, símbolos culturais, estéticos e ideológico de uma determinada época, a escola é um espaço portanto, de construção social que vem produzindo de forma peculiar ao longo de décadas sofrendo transformações, muitas vezes, de acordo com interesses políticos (Faria filho& Vidal,2000).

Para Áries (1981), por exemplo, dentro da perspectiva religiosa e de rígida disciplina, a escola, até o fim do século XVIII, direcionada para a elite e apenas para meninos, não separava seus filhos por faixa etária, de forma como é proposto hoje na maioria das escolas. Os alunos com 10,13 e 17 anos poderiam frequentar uma mesma classe já que o objetivo educacional era ensinar bons modos e a linguagem considerada adequada pela nobreza. Tal

conteúdo limitado baseava na crença da incapacidade de aprender, atribuída à criança – sua entrada na escola era adiada ao máximo sob justificativa de que não estava apta a assumir as responsabilidades inerentes a vida adulta.

Segundo Nóvoa (1991, p.114), existiam dois momentos na fase da história da escola a partir do século XVI: a primeira, que vê a dominação da escola pela igreja, dura até a segunda metade do século XVIII; a segunda onde a escola está a cargo do estado, estendendo-se até os dias atuais.

Políticas a parte a escola carrega ainda hoje o imaginário de espaço de aprendizagem para a criança. A escola, portanto é um espaço destinado ao trabalho pedagógico formal, ao entendimento de regras, à formação de valores éticos, morais e afetivos, ao exercício da cidadania. Para Castoriadis (2007) a escola é um espaço de auto-criação do indivíduo e da sociedade, espaço oportuno para o estudo da realidade instituída para sociedade e da realidade que se institui, ou seja, é o ambiente que proporciona ao seu alunado pensar na instituição sociedade e na sua própria instituição.

Já para Wallon (1975), a escola é um meio formador de personalidade total do indivíduo na sociedade que nos dá a oportunidade de estudar a criança em todas as suas fases e manifestações, auxiliando na constituição do conhecimento psicológico sobre a mesma. É um dos meios fundamentais em que se desenvolve a criança, um dos espaços em que se pode desenvolver um projeto de sociedade mais igualitária, mais justa.

Sendo assim, a instituição escola difere-se da família, segundo Wallon, no momento em que oferece interações diversificadas, permitindo a busca de situações e parcerias de outras pessoas por meio de preferências e afinidade. Ou seja, na família cada um tem um papel essencial, ofertando um único modelo para as relações sociais da criança, já a escola oferece uma gama de pessoas, permitindo que a mesma enxergue-se como um sujeito autônomo, que é um entre outros e que, ao mesmo tempo, é igual e diferente deles de forma a enriquecer sua personalidade.

Castoriadis (2007) ainda coloca que o objetivo da educação é fazer com que o homem seja capaz de dominar e regular de forma lúcida e reflexiva suas próprias pulsões e escolhas; e que o objetivo da pedagogia não é ensinar conteúdos específicos e sim, desenvolver a capacidade da criança de aprender a aprender, aprender a descobrir, aprender a inventar.

Para Castoriadis (2007), é importante também que os profissionais envolvidos no espaço escola saibam que

... todo processo de educação que não visa desenvolver ao máximo a atividade própria dos alunos é um mau processo; ... Todo sistema educativo incapaz de fornecer uma resposta racional (razoável à pergunta dos alunos sobre a razão de estudar a cada conteúdo) é um sistema defeituoso.

O olhar atento ao desenvolvimento global da criança, a postura do professor em relação a ela,, a parceria efetiva entre pais e professores é fundamental na escola para que não tenha espaços como diz Farias Filho & Vidal (2000, p.32) – que abandonam a criança, seu principal protagonista, para constituí-los apenas de alunos. É preciso que se ressalte no ambiente escolar a dimensão afetiva e a otimização de seu espaço/tempo, respeitando as características da criança e suas demandas atuais.

2. A família e a Escola na contemporaneidade

O modelo de família sofreu grandes modificações a partir do século XIX. O casamento, especialmente, foi o receptor da maioria destas transformações. Sai de cena a união por contrato, escolhido pelos pais do conjugue e tem lugar o casamento por amor e a escolha do parceiro pelos próprios indivíduos (Araújo, 2000). Com advento do capitalismo e da industrialização, a família passou representar um refugio ante as ameaças do mundo (Lasch, 1991). Ela diminuiu em número de membros, tronou-se patriarcal, hierarquizada, com a divisão do trabalho sendo sexualmente definida e dicotomizada em público vesus privado de acordo com (Vaitsmon, 1994).

Entretanto, essa estrutura familiar não corresponde ao observado atualmente. A desintegração da família vem ocorrendo a mais de cem anos. Dados estatísticos publicados pelo IBGE (Brasil, 2006) confirmam as mudanças provocadas pela nova ordem social na família brasileira. Dentre as inúmeras mudanças na composição e no funcionamento da família, provocadas pela nova ordem social, destaca-se as que seguem:

1. Incorporação da mulher ao mercado de trabalho;
2. Diminuição das taxas de fecundidade;
3. Aumento da expectativa de vida;
4. Diminuição no numero de filhos;
5. Aumento das separações e divórcios;
6. Novas configurações familiares, na qual os filhos vivem com apenas um dos pais, com parentes ou até mesmo sozinhos em novas formas de aglomerados humanos.

De acordo com o IBGE (Brasil, 2006):

As famílias brasileiras vêm mudando em uma série de aspectos devido, principalmente, às transformações culturais ocorridas nas últimas décadas no mundo industrializado, o que resultou em novos tipos de arranjos, fato este que merece estudos específicos. Entretanto, pode-se mencionar que as tendências mais

proeminentes observadas, a partir de dados de pesquisas domiciliares, são, sem dúvida, a redução do tamanho da família devido ao processo de redução da fecundidade e ao crescimento do número de famílias chefiadas por mulheres. Esta última decorrente do ingresso maciço de mulheres no mercado de trabalho e do aumento da esperança de vida ao nascer das mulheres.

Essas mudanças não se deram ao acaso e trouxeram duras conseqüências para uma sociedade habituada ao padrão convencional da família mononuclear (composta por pai, mãe e filho).

Segundo Grinspun e Azevedo (2001), a Idade contemporânea caracteriza-se pelas expressivas mudanças decorrentes do avanço científico e tecnológico, onde o homem ganha um novo significado deixa de ser entendido como indivíduo com suas características pessoais para ser pensado como sujeito que agora, mais do que nunca assume um papel social, por encontra-se atrelado a outros eventos sociais, não mais, o pai trabalhando, a mãe em casa cuidando de seus afazeres domésticos e cuidando dos filhos.

O homem começa a ocupar um novo espaço, esse não mais apenas produto do meio o qual está inserido, mas exerce função de produtor. Ele agora pensa, cria e questiona as modificações decorrentes do avanço tecnológico.

Isso vem de encontro no que diz Grisci (1999), que refere-se à época atual, como o momento que é marcado pelas modificações no âmbito do trabalho, sendo que este não é mais função destinada apenas ao homem, mas também a mulher, que fica parte do dia fora de casa, em virtude do trabalho.

Quando a mulher sai para as ruas e passa a receber por sua força de trabalho um salário tal como o homem, ela causa uma ruptura no seio da instituição (Vaitsmon, 1994). Essa troca de papéis produz lacunas na criação dos filhos; da mãe-educadora surge à mãe-trabalhadora e com isso todas as varáveis implícitas nela.

Neste contexto, a família fica despreparada. Há uma insegurança grande por parte dos pais a respeito da educação dos filhos. Tal fato, por sua vez, vem promovendo o afastamento precoce dos filhos do convívio familiar e assim fazendo com que dividam o compromisso de educar com a escola.

Neste sentido, falar de família nos dias atuais exige muito cuidado e compreensão, pois é necessário entender que não existe mais um modelo de família, mas sim uma diversidade de modelos familiares onde cada um tem sua particularidade. É família constituída por avós/tios, família de homossexuais, família onde são comandadas por mulheres, ou então por homens, e assim por diante. Carvalho (2009, p. 01) ressalta o seguinte:

Hoje em dia não podemos mais falar da família brasileira de um modo geral, pois existem várias tipos de formação familiar coexistindo em nossa sociedade, tendo cada uma delas suas características e não mais seguindo padrões antigos, nos dias atuais existem famílias de pais separados, chefiadas por mulheres, chefiadas por homens sem a companheira, a extensa, a homossexual, e ainda a nuclear que seria a formação familiar do início dos tempos formada de pai, mãe e filhos, mas não seguindo os padrões antiquados de antigamente.

A instituição família sofre rupturas. Novas exigências são impostas pela sociedade moderna e muitos valores familiares são colocados em xeque. Hoje são inúmeros os casos onde se diz que a família está se omitindo do seu papel, a mudança de conceito de “família” talvez seja a justificativa dessa mudança. Pois sabe-se que muitas crianças e adolescentes vivem somente com a mãe, ou só com o pai, muitas vezes criado pelos avós e assim por diante. Diante disso, muitas vezes a família não exerce seu papel, ou transfere suas obrigações à escola, devido à condição em que ela se encontra.

Entender essa diversidade familiar acabou gerando uma maior participação dos profissionais da educação, principalmente na vida pessoal e educacional dos alunos, substituindo a função dos pais em algumas situações, elevando assim a área de atuação dos profissionais de educação.

Neste sentido, ao lado das transformações no âmbito familiar, modificações importantes atingiram também o sistema escolar. Hoje, mais do que nunca, o discurso da escola afirma a necessidade de se observar a família para bem se compreender a criança, assim como para obter uma continuidade entre as ações desses dois agentes educacionais.

Até a entrada da criança na escola a família é muitas vezes o único modelo de identificação. Ao iniciar a vida escolar ela se depara com novos conhecimentos e valores que deve ser uma continuidade com os já adquiridos com a família. Para que seja de fato uma continuação de valores e crenças, a escola e família devem caminhar juntas no processo de aprendizagem, sendo esse talvez, o maior desafio e diferencial da contemporaneidade em relação às épocas anteriores.

Segundo Bollman (2001), a criança adquire seus primeiros conhecimentos com os pais ou responsáveis iniciando dessa forma seu processo de ensino-aprendizagem, através de repetições de gestos e comportamentos. Isso prossegue até o início da vida escolar onde a criança aumentará seus conhecimentos na escola. Considerando que a escola deverá ser então a extensão e ampliação dos seus ensinamentos adquiridos na família, bem como, vários outros que não havia tido até então, já que a escola proporciona ensinamentos distintos das outras instituições, inclusive a família, mas ainda assim, é importante que haja interação entre esses dois pólos.

A escola deve tentar funcionar como extensão da família. Para que isso aconteça de forma fluente, deve ocorrer participação dos pais na escola. E neste pensamento, a escola deve respeitar os valores, costumes, modo de organização de cada família, assim, como cada família deve ter respeito às imposições e regras existentes na escola.

A escola tem enfrentado dificuldades em aceitar as mudanças sociais e familiares e considerá-las nas novas exigências que elas trazem na execução dos objetos escolares. De acordo com Nogueira (1998) não se pode deixar de considerar que muitos pais sentem-se inseguros e incapacitados de planejarem o processo educacional de seus filhos, e acaba atribuído à escola a função de complementar a formação do educando enquanto o investimento familiar

restringe-se à manutenção da permanência da criança na instituição escolar. Todavia essa compulsoriedade muitas vezes é pouco considerada pela escola, principalmente porque os professores aproveitam-se das incertezas dos pais e da valorização da função educativa da escola, para desenvolverem um mecanismo de defesa, considerando as falhas do sistema escolar devem-se à desestruturação da família já que os professores, muitas vezes incorporam representações “distorcidas” das famílias dos alunos (Perrenoud,2000).

Neste sentido é importante que a escola diante das transformações atuais ocorridas na instituição família, reserve um espaço, talvez no início do ano escolar, para um contato mais individualizado com a família ou um representante familiar, procurando desta forma, obter informações que sejam relevantes sobre a criança, tais como, hábitos, doenças, números de irmãos, situação socioeconômica entre outros, para que assim possa atender de forma mais eficaz as necessidades da mesma.

É importante a necessidade de uma conscientização grande de todos para que possam estar envolvidos nestas mudanças no processo de constante educar os filhos. Pois não cabe somente os profissionais e nem tão pouco só a família, mas sim toda a sociedade a responsabilidade pela educação destes jovens, desta nova geração. Segundo Silva fala que:

Atualmente, os pais devem estar cada vez mais atentos aos filhos, ao que eles falam, o que eles fazem, as suas atitudes e comportamentos. E, apesar de ser difícil, a escola também precisa estar atenta. Eles se comunicam conosco de várias formas: através de sua ausência, de sua rebeldia, seu afastamento, recolhimento, choro, silêncio. Outras vezes, grito, zanga por pouca coisa, fugas, notas baixas na escola, mudanças na maneira de se vestir, nos gestos e atitudes. Os pais devem perceber os filhos. Muitas vezes, através do comportamento, estão querendo dizer alguma coisa aos pais. E estes, na correria do dia-a-dia, nem prestam atenção àqueles pequenos detalhes. (SILVA, 2008 p. 01)

Mesmo com todos os problemas existentes na inversão de papéis entre escola e família, não muda o papel principal dos pais na educação de seus filhos, a função dos mesmos é proporcionar espaço para que aconteça interação social, tanto da família como também dentro do ambiente escolar. Portanto, o papel de educar, deve ser sempre iniciado no ambiente

doméstico, e se completar na escola, sendo que, os conceitos e valores que rodeiam a criança na sua vida, são transmitidos especialmente pelos seus pais. Se a criança na escola não conhece o bem e o mal, acaba comprometendo a interação com seus colegas, prejudicando a atuação do profissional, no sentido de desenvolver uma educação que seria por obrigação iniciada no lar.

Neste sentido, de acordo com Bollman (2001) é inegável a importância da interação entre família-escola, no entanto é imprescindível que exista respeito entre ambas. A escola deve respeitar os valores, os costumes, modo de organização de cada família, assim como cada família deve ter respeito às imposições e regras existentes na escola. Não deve-se esquecer então, que a relação família-escola tem como seu maior propósito a busca pelo bem-estar e o bom desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem infantil.

3. Que relação é essa?

A relação família-escola é tema em destaque na discussão sobre o alcance do sucesso dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. Para que haja o pleno desenvolvimento do aluno no contexto escolar é necessário o apoio da família.

Pensar em educação de qualidade é necessário ter em mente que a família esteja presente na vida escolar de todos os alunos em todos os sentidos. Ou seja, é preciso uma interação entre escola e família. Este pensamento é evidenciado no instrumento legal como a LDBN/96 nos artigos

Art. 12. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

VI – articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola;

Art. 13. Os docentes incumbir-se-ão de:

VI – colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade.

Art. 32. O ensino fundamental com duração mínima de nove anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

IV – O fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Ao analisar a educação da criança na família e na escola é necessário remeter algumas diferenciações que a bibliografia relata (Gomes, 1993; Terrail, 1997; Nogueira, 1998; Perez, 2000, 2004; Zago, 2003) quanto às práticas educativas que cada uma dessas instituições exerce. Dentre elas pode-se mencionar que na família às práticas educativas são desenvolvidas no cotidiano, ao passo que na escola configura-se uma intensa programação de práticas e atividades educativas, elaboradas segundo diretrizes educacionais planejadas a priori. As práticas educativas exercidas no ambiente familiar produzem resultados rápidos no comportamento do educando. Já que a transmissão de conhecimento no âmbito escolar engloba uma preparação para a realidade futura do aluno. A aprendizagem da criança na instituição familiar se faz na relação com os membros do grupo doméstico. No tocante à

escola essa aprendizagem envolve momentos programados, com as pessoas específicas (professores, grupo da sala de aula, funcionários, entre outros).

Sendo assim, alguns estudos (Paro, 2000; Clandinin; Connelly, 2005) acerca da influência da família na escolarização dos filhos têm apontado a importância da relação família-escola. Algumas medidas de aproximação, em muitos casos, estão voltadas para a diminuição da distância entre família e escola, e geralmente se fundamentam na postura e nas concepções presentes nos educadores da instituição escolar. Assim, a influência dos pais na escola pode assumir diferentes dimensões dependendo da ênfase dos objetivos que subsidiam as ações das escolas, como por exemplo, aspectos financeiros, administrativos ou pedagógicos.

Ao analisar a dinâmica escolar, a pesquisa de Perez (2004) denuncia que é possível verificar que o professor é o elemento chave, aquele que dá vida ao processo de ensino-aprendizagem e, portanto, das práticas escolares, inclusive aquelas relacionadas à relação família-escola. Sua postura, suas representações e conhecimentos determinam em parte o que fazem no contato com os educados e, de modo correlato, com seus familiares. Desse modo, o profissional da educação desenvolve sua prática com base em percepções e análises sobre os resultados da sua postura pedagógica, que por sua vez, dependo do contexto que atua.

Dentre alguns exemplos dessas tentativas de direcionamento da escola em incentivar a participação dos pais na escola, pode-se destacar, a organização do Conselho da Escola, os Parâmetros Curriculares Nacionais, o Dia da Família na Escola, o Projeto Escola da Família e a iniciativa da participação de voluntários. Essas propostas sugerem ampliação da presença da comunidade nas escolas, incentivando o exercício de papéis parentais mais ativos nos processos de escolarização dos filhos. Em casos de atuações pedagógicas inadequadas alguns estudos (Patto,1992; Perez, 2000,2004; Sigolo; Lalloto,2001) denunciam que os docentes atribuem as causas das dificuldades e dos conflitos escolares à realidade familiar vivenciadas pelos alunos, em que o estereotipo de “família desestruturada” domina as causas externas que justificam o desempenho escolar dos alunos.

Neste pensamento, conforme citado nos capítulos anteriores, às grandes e rápidas alterações por que tem passado a sociedade nos últimos tempos, o conceito de família não pode mais ser percebido como uniforme e estático de acordo com (Biasoli-Alves, 1994). No Brasil, por exemplo, além de passar a ser menos numerosa, a família nuclear, constituída por pai, mãe e filhos- com uma base biológica comum, deixou de ser o modelo socialmente aceito como padrão, convivendo ao lado de configurações familiares cuja base é estritamente social ou econômica (Sarti, 1997), especialmente nas camadas mais desfavorecidas da população. Entre os fatores que alteram o cotidiano das famílias e influenciaram a na sua organização e, conseqüentemente a visão que se tem dela, estão à presença da televisão, o acesso à escolaridade (especialmente no caso da mulher), o surgimento dos movimentos feministas, a mudança dos papéis sexuais, a supervalorização do consumo, a psicologização das relações familiares e – devido ao ingresso da mulher na força de trabalho e como provedora do lar – a substituição dos cuidados maternos com os filhos pelas instituições como as creches, “escolinhas”.

Observa-se, em diferentes contextos, que a freqüência das crianças com pouca idade a outros ambientes socializadores, como creches e escolas de educação infantil, não é incomum, o que acarreta sua permanência mais tempo fora de casa do que convivendo com os membros de sua família. O papel socializador da família passa a ser mais difuso e a responsabilidade da educação dos filhos mais dividida, principalmente com a escola e com a família, ampliada pelos laços de parentesco – avós, tios, irmãos, por exemplo – e vizinhança (SARTI, 1997).

Como resultados dessas mudanças, nos dias atuais a escola, além de ter a função de ensinar o conhecimento sistematizado, passa a ser responsabilizada por desenvolver as habilidades sociais que tradicionalmente eram consideradas encargo das famílias, uma vez que para aquelas das classes populares, a escola é importante dado seu caráter instrumental e, mais do que isso, de formador de sujeitos políticos (Romanelli, sd).

Assim, apesar de escolas e famílias continuarem a se agências socializadoras distintas, apresentam aspectos comuns e divergentes. Compartilham a tarefa de preparar os alunos para

a vida sócio-econômico e cultural, mas divergem nos objetivos que têm nas tarefas de ensinar. Enquanto a escola tem por obrigação de ensinar bem os conteúdos de áreas de saber considerados como fundamentais para a instrução de novas gerações às famílias cabe dar acolhimento a seus filhos num ambiente estável, provedor, amoroso (Szymanski,1997).

Assim para que o desenvolvimento da criança tanto afetivo, cultural, psicológico e social seja harmonioso é necessário que seu ambiente familiar traduza uma atmosfera de crescente progressão educativa. Todavia, nota-se que todas as instituições e especialmente a escola deve não só apoiar e respeitar os esforços dos pais e responsáveis mais também devem colocar-se em posição efetiva de gerar iniciativas dirigidas à elevação e aprimoramento social e educacional de seu educando e respectivas famílias.

A escola deve sempre envolver a família ou um representante familiar dos educandos em atividades escolares. Não para falar de problemas que envolvem a família atualmente, mas para ouvi-los e tentar engajá-los em algum movimento realizado pela escola como: projetos, festas, desfiles escolares, etc.

Nessa perspectiva, a escola por sua maior aproximação às famílias constitui-se em uma instituição social importante na busca de mecanismos que favoreça um trabalho avançado em favor de uma atuação que mobilize os integrantes tanto da escola, quanto da família, em direção a uma maior capacidade de dar respostas aos desafios que impõe a essa sociedade. Como diz Paro (1997,p.30)

A escola deve utilizar todas as oportunidades de contato com os pais, para passar informações relevantes sobre seus objetivos, recursos, problemas e também sobre as questões pedagógicas. Só assim, a família irá se sentir comprometida com a melhoria da qualidade escolar e com o desenvolvimento de seu filho como ser humano.

Desta forma, quando mais eficiente for à parceria entre escola e família, mais significativa serão os resultados na formação do educando. A participação dos pais na educação formal dos filhos deve ser constante e consciente. Vida familiar e vida escolar são simultâneas e complementares.

Envolver a família na educação escolar dos filhos pode significar, para a escola, que ele tenha que conhecer melhor os pais dos alunos e realizar um trabalho conjunto com eles para criar, entre outras coisas, uma atmosfera que fortaleça o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças nesses dois ambientes socializadores.

Neste pensamento, uma das formas de manter a escola uma parceria com a família, é estimular a mesma para que participe da formulação do Projeto Político Pedagógico, pois dessa forma ficará sabendo da realidade de sua comunidade e da escola, afim de que possa entender o trabalho realizado com seus filhos dentro do âmbito escolar. Pois ambas devem estar integradas no mesmo objetivo, que é formar cidadãos para viver em sociedade. Diante disso, sabe-se que hoje, tanto a escola como a família não podem viver uma sem a outra. Azevedo (2009, p. 06) diz que:

A construção do projeto político-pedagógico e do regimento escolar é, também, um momento privilegiado para definir os canais institucionais de participação da família na vida escolar. Formas democráticas de escolha do dirigente escolar, conselho deliberativo escolar, reuniões de pais são formas significativas de participação.

Apesar dos esforços, tanto da escola quanto da família, em promoverem ações de continuidade, há barreiras que geram descontinuidades e conflitos na relação entre estas duas instituições. Uma das dificuldades encontradas na relação família-escolar é que esta ainda não comporta, em seus espaços acadêmicos, sociais e de interação, os diferentes segmentos da comunidade e, por isso, não possibilita uma distribuição equitativa das competências e o compartilhar das responsabilidades. Carneiro (2003) afirma que a mudança deste paradigma depende de uma transformação na cultura vigente da escola e que o projeto político-

pedagógico poderia ser um dos meios para promover esta inserção. Ainda, as formas de avaliação adotadas, bem como as estratégias para superar as dificuldades presentes no processo ensino-aprendizagem, de maneira a incluir a família, exigem que as escolas insiram essa discussão no projeto pedagógico, como forma de assegurar a sua compreensão e efetivar a participação dos pais que é ainda um ponto crítico na esfera educacional. Com isso, pode-se romper nos resultados acadêmicos (Kratochwill, McDonald, Levin, Bear-Tibbetts & Demaray, 2004).

Além disso, o conhecimento dos valores e práticas educativas que são adotadas em casa, e que se refletem no âmbito escolar e vive-versa são imprescindíveis para manter a continuidade das ações entre a família e a escola (Leller-Laine, 1998). Sendo assim, as escolas devem procurar inserir no seu projeto pedagógico um espaço para valorizar, reconhecer e trabalhar as práticas educativas familiares e utilizá-las como recurso importante nos processos de aprendizagem dos alunos. Mas, a colaboração entre esses contextos deve levar em consideração as diferenças culturais, a formação para cidadania e a valorização de ações e de decisões (Kratochwill & Cols. 2004; Marques, 2002).

Portanto, as escolas deveriam investir no fortalecimento das associações de pais e mestres, no conselho escolar, dentre outros espaços de participação, de modo a propiciar a articulação da família com a comunidade, estabelecendo relações mais próximas. A adoção de estratégias que permitam aos pais acompanharem as atividades curriculares da escola, beneficiam tanto a escola quanto a família. As investigações de Keller-Laine(1998) e de Sanders e Epstein (1998) enfatizam que é necessário planejar e implementar ações que assegurem as parcerias entre estes dois ambientes, visando a busca de objetivos comuns e de soluções para os desafios enfrentados pela sociedade e pela comunidade escolar.

Não se pode também, deixar de falar que o Conselho Escolar, é um dos elementos fundamentais para aproximar os pais dos trabalhos realizados dos professores. Além disso, estamos na era da gestão democrática, onde tem o objetivo de criar uma maior participação dos pais nas decisões escolar, e também possibilitando interação na vida educacional de seus filhos. O importante é fazer com que os pais passem a ter um poder de escolha, da forma a permanecerem próximo a escola, estimulando o interesse para que assim, o projeto não fique só no papel. (MEC, 2009, p. 01) relata que:

Muitas escolas têm experimentado o fortalecimento do Conselho Escolar como espaço de decisão e deliberação das questões pedagógicas, administrativas, financeiras e políticas da escola. Ou seja, essas escolas vêem o Conselho Escolar como um grande aliado na luta pelo fortalecimento da unidade escolar e pela democratização das relações escolares.

Da mesma forma, ressalta-se que o papel da escola é fazer com que o educando / filho aprenda para ter um futuro melhor, sendo também que a família tem uma grande participação nessa construção, formar seus filhos, para que assim seja construída uma sociedade mais justa e digna para se viver. Silva (2005) contempla fala dizendo: “É importante que a família e escola sejam parceiras, comprometam-se com a educação das crianças e adolescentes, buscando trocar informações, traçar planejamentos, trabalhar numa mesma direção, e compreender o processo educacional como algo a ser partilhado”.

Quando se fala da participação da família no processo de ensino e aprendizagem, tem que se levar em consideração o contexto em que o aluno está inserido. Como já foi citado no capítulo anterior, houve mudanças significativas no “modelo” de família, entretanto cabe a escola incentivar e buscar ferramentas necessárias para amenizar tais problemas. Sabe-se que hoje a escola não conta mais com aquele modelo de família tradicional e isto configura um grande problema no que diz respeito à interação família e escola. Neste sentido, é dever da instituição escolar, juntamente com seu corpo docente, coordenador, supervisor e toda comunidade escolar propor incentivos e estratégias para que haja a participação de um representante familiar no contexto escolar.

Marini (2003) reforça que é necessário selecionar as particularidades de cada família, pois esses dados englobam fatores importantes para que todas as partes inseridas no processo educacional possam analisar corretamente suas atitudes no objetivo de apresentar propostas educacionais coerentes com a realidade da comunidade na qual estão inseridos os alunos.

Maimoni e Bortone (2001) apontam que a pesquisa sobre as famílias é o caminho mais curto para aproximar a família da escola e, conseqüentemente, contribui para o sucesso escolar dos filhos, já que há muitos fatores que indicam que as causas das dificuldades escolares estejam

situadas na família. Portanto, esses autores reforçam a idéia de que é necessário o acompanhamento das atividades escolares dos filhos por parte dos pais.

A família enfrenta hoje sérios problemas nos acompanhamentos dos seus filhos quando se refere o processo educativo, assim como a escola enfrenta suas dificuldades quando a família não está presente no acompanhamento do seu educando. Sendo assim, um dos problemas é o fracasso escolar e esse problema, que por vezes é atribuído a muitos fatores, também é atribuído a problemas familiares.

A criança quando não é bem amparada pela família no sentido de educar, transmitir conhecimentos, valores, cultura e servir-lhe como exemplo, pode ser influenciada pelos seus grupos sociais. Muitas vezes é mais fácil seguir ao “seu grupo” de amigos do que aos pais ou à escola. Com isso, a criança pode acabar apegando-se ao que é mais fácil e atraente para seguir naquele momento. Como afirma Tiba (2002) atualmente, o contato social é muito precoce. Ainda sem completar a educação família, a criança já está na escola. O ambiente social invade o familiar não só pela escola, mas também pela televisão, internet, dentre outros.

Referindo-se aos problemas que interferem na aproximação família/escola, Paro (2007) destaca a falta de condições favoráveis para o estudo, principalmente nas classes menos favorecidas. O mesmo relata ainda que nessas camadas sociais podem ser evidenciadas situações bastante diversas, desde a extrema precariedade até realidades na qual a família oferece boas condições de trabalho. No entanto, na atual situação das famílias menos favorecidas, é bastante possível que os casos em que há ausência de situações adequadas aos estudos predominem amplamente.

Diante disso Paro (2007) ainda afirma que “ a precariedade dos recursos e dos espaços para o estudo no interior dos lares não deixa de ser uma realidade que dificulta o trabalho estudantil das crianças e jovens.

Percebe-se então, que famílias menos favorecidas financeiramente possuem uma dificuldade muito maior em poder proporcionar aos filhos condições favoráveis de estudo. Oliveira (2008) confirma essa constatação defendendo em seu artigo que o fator condição social exerce fundamental influência no insucesso nos estudos por parte dos alunos.

Outro fator que prejudica à relação família/escola é a comunicação ineficiente. Paro (2000) afirma que a comunicação eficiente entre a família e escola está muito distante da realidade atual, e que os valores importantes no que diz respeito ao ensino ficam prejudicados nesse tipo de relação. De acordo com o mesmo autor, a falta de iniciativa dos educadores contribui de maneira significativa para este quadro. Para ele, os docentes deixam a desejar nas atitudes, além de haver escassez de trabalho em conjunto com a família dos alunos.

Entende-se que a precariedade de condições das classes menos favorecidas economicamente influencia de maneira negativa no processo educacional, e que isso aliado à falta de interesse do educador em re-socializar o aluno e de trazer a família para dentro da escola, ajuda a potencializar ainda mais os problemas que assolam o sistema educacional brasileiro.

Deste modo, Paro (2007) ressalva que a instituição escolar que prima pelo conhecimento do aluno precisa ter presente a continuidade entre a educação familiar e a escola, inovando maneiras de unir a família junto à escola no processo de ensino e aprendizagem.

No Parágrafo único do Capítulo IV do Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), diz que “é direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar das definições das propostas educacionais”, ou seja, trazer as famílias para o convívio escolar já está prescrito no Estatuto da Criança e Adolescente o que resta é só por em prática o que diz a Lei. Família e escola são pontos de apoio ao ser humano; são sinais de referência existencial.

Entende-se que se cada um cumprir seu papel, um completa o outro, não serão necessárias cobranças e não haverá uma sobrecarga nem da família e nem da escola. Não apenas as duas entidades precisam definir-se, mas também é preciso deixar bem claro para criança a função de cada um para que ela possa buscar de forma correta a ajuda para seus conflitos.

No momento em que a escola e família conseguirem estabelecer uma parceria na maneira como irão promover a educação de seus educandos/filhos, muitos dos conflitos hoje

observados sem sala de aula, serão superados. Todavia, para que isso possa acontecer é necessário que a família ou representante familiar participe da vida escolar de seus filhos. Que a família tenha comprometimento, envolvimento com a escola, gerando assim, na criança/adolescente um sentimento de amor, fazendo sentir-se amparado e valorizado como ser humano.

4. Considerações Finais

O presente trabalho veio enfatizar a nós educadores a reflexão sobre a necessidade de se estudar a relação escola e família, onde a instituição escolar se dedique em considerar que o aluno/filho, esteja globalizado dentro do espaço escolar. Da mesma forma, que essa parceria seja uma porta aberta para uma maior participação dos pais, onde juntos possam planejar a fim de estabelecer compromissos de uma forma organizada e harmoniosa para que seus filhos/alunos tenham uma educação de qualidade, tanto na escola quanto em casa.

Assim, conforme foi colocado no desenvolvimento deste estudo, as instituições escola e família desempenham um papel essencial no desenvolvimento da criança. Entretanto ambas são permeadas por diferentes concepções e marcadas por transformações pelas quais a sociedade passa, acabando por uma influenciar no trabalho da outra.

Neste sentido, a discussão panorâmica que apresento em torno da temática, enfatiza as diferentes concepções sobre família que circulam na sociedade, face a multiplicidade de estudos que debruçam sobre a instituição familiar.

Tomando como pontos relevantes para o presente estudo a concepção de família enquanto sistema relacional inserido numa diversidade de contextos e constituído por pessoas que compartilham sentimentos e valores, formando laços de interesses, solidariedade e reciprocidade, com especificidade e funcionamentos próprios e atender para as mudanças, responsabilidade e atribuições que a instituição escola tem perante as transformações que perpassam o contexto familiar.

Assim, acredito que a família desempenha um papel fundamental para o desenvolvimento do indivíduo, independente de sua formação. E é no meio familiar que o indivíduo tem seus primeiros contratos com o mundo externo, com a linguagem, com a aprendizagem e aprende os primeiros valores e hábitos.

Além disso, a família tem uma finalidade socializadora reconhecida e algumas vezes explicitada, nos diferentes grupos sociais das quais seus membros participam. Desta maneira a escola, ao considerar o ambiente familiar como uma possibilidade de enriquecimento sócio-cultural e a criança como meio de transmissão dessa cultura, mostra-se capaz de ampliar os limites do seu trabalho para além das relações internas da escola.

Portanto a escola tem um papel relevante para a família, pois é ela a primeiro possibilitar à criança esse contexto extra familiar, bem como desenvolver na mesma novos estágios de aprendizagens, resultando no seu amadurecimento para lidar com outros processo de socialização e desenvolvimento mais complexos.

Contudo, a escola, enquanto instituição que tem um papel essencial na vida do individuo, não pode deixar de se preocupar com as peculiaridades e os desafios que vivencia a família contemporânea. Ou seja, a educação no mundo atual não deve envolver apenas a participação da família no contexto escolar, mas sim a articulação efetiva de todas as instituições que estão diretamente ligadas à vida da criança dando o devido destaque a instituição familiar.

Assim, este trabalho direciona a concluir que, lançar um olhar educativo para a família sugere que as práticas podem ser apreendidas e/ou modificadas segundo uma visão- educacional, e que os pais ou um representante familiar podem ser cúmplices da instituição escolar no processo de inserção do individuo no mundo social, onde este possa atuar de maneira ativa e consciente.

Sabe-se que não é nada fácil manter uma parceria família/escola, mais é importante ressaltar neste trabalho a necessidade da participação dela no âmbito escolar, pois desse modo faz com que a criança se sinta valorizada, quando vê a participação de seus pais em sua vida educacional. Reforço que, a inclusão da família dentro da escola é tão particular que a criança tem sobre ele uma visão muito especial.

Para que haja uma possível participação dos pais na escola é importante que a família e escola sejam trabalhadas com mais intensidade, procurando observar seus pontos críticos, a fim de juntas manterem uma relação direcionada a resolver as dificuldades provenientes da educação escolar de seus filhos/alunos.

Desta forma, a prática pedagógica dos agentes educacionais no momento atual, bem como a condução do processo ensino-aprendizagem na sociedade contemporânea, precisa ter como primazia a necessidade de uma reformulação pedagógica que priorize a participação da família no ambiente escolar. Onde a instituição escolar passe a vivenciar as transformações ocorridas na estrutura familiar de forma a beneficiar suas ações, podendo buscar novas formas de didáticas e metodologias que contemplem essa participação de forma harmônica e espontânea.

5. Referências

- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- AZEVEDO, Neroaldo Ponde de. Desafios da Organização e Gestão Escola.. Disponível em www.mp.gov.br/ancb/documentos/educação.2009. Acesso em 30 de outubro de 2010.
- BARTHOLO, M. H.2003 **O ausente presente dentro da instituição escola**. Disponível em: www.tvebrasil.com.br/salto/bolentins2002. Acesso em 29 agosto, 2010.
- BERGER,P.;LUCKAMNN,T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BIASOLI-ALVES, Z.M.M., . **Família - socialização - desenvolvimento**. Tese de Livre Docência. FFCL Ribeirão Preto – USP, 1994.
- BHERING, E.; SIRAJ-BLATCHFORD, I. **A relação escola-família: um modelo de trocas e colaboração**. Cadenos de Pesquisa, n.106, p.191-216, 1999.
- BOLLMAN, Cleusa M. Soares. **Interação Pais & Escola**. Rev. PEC, Curitiba, V. 1, n 1, 2001. Disponível em: www.bomjesus.br . Acesso em: 25 de outubro de 2010.
- BOURDIEU, P. PASSERON, J; C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.
- BRASIL, **Estatuto da criança e do adolescente – ECA**. Brasília, Distrito Federal: Senado, 1990.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9394/96**. Brasília: 1996.
- BRASIL. IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais 2005**. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em 20 de setembro de 2010.
- Carneiro, M. A. **LDB fácil: Leitura crítico-compreensiva artigo a artigo** (9ª Ed.) Petrópolis: Vozes. 2003. (Original publicado em 1998).
- CARVALHO, Andressa. **A família na atualidade**. Disponível em: www.meuartigo.brasilecola.com/psicologia . Acesso em 10 de novembro de 2010.
- CARVALHO, M. E. P. **Relações entre família e escola e suas implicações de gênero**. Caderno de pesquisas, n. 110, p. 143 – 155, 2000.
- CARVALHO, M. **A Família Contemporânea em Debate**. 6. ed. São Paulo: EDUC., 2005.
- CASTORIADIS, C. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz Terra, 2007.

CECCON, C.; OLIVEIRA, M. D.; OLIVEIRA, R. D. **A vida na escola e a escola na vida.** Petrópolis: vozes, 1997.

CLANDININ, D. J., CONNELLY, F. M. **Teacher's professional knowledge landscapes.** Educacional Researcher, Washington v. 25, n. 3, 2005.

CORSINO, P. 2003. **Relação família-escola na Educação infantil: algumas reflexões.** Disponível em: www.tvebrasil.com.br/salto/bolentins2002. Acesso em setembro, 2010.

D'AVILLA, J. L. P. **Trajetória escolar: investimento familiar e determinação de classe.** Educação & Sociedade, Campinas, Ano 19, 1998.

DAVIES, D., MARQUES, R. , & SILVA. Os professores e as famílias: a colaboração possível. 2ª Ed, Lisboa: Livros horizontes. 1997)

FARIAS FILHO, L.; VIDAL, D. **Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil.** Revista Brasileira de Educação, n 14, p. 19-34, 2000.

FRIGOTTO, G. **A escola não pode só visar ao mercado de trabalho.** Entrevista concedida a Equipe do Século XXI. Disponível em: www.multirio.rj.gov.br/sec21. Acesso em 09 de setembro de 2010.

GOKHALE, S. D. **A família desaparecerá?** In Revista Debates Sociais. Nº 30, ano XVI. Rio de Janeiro, CBSSIS, 1980.

GOMES, J. V. **Relações família e escola – continuidade e descontinuidade no processo educativo.** Idéias, São Paulo, n.16, p.84-90, 1993.

GRISCI, Carmem Lígia. Trabalho, tempo e subjetividade e a constituição do sujeito contemporâneo. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, Edição Especial Temática, p. 87-106, 1999.

CRISPUN, Miriam P. Zippin, AZEVEDO, Nyrma. **Subjetividade, contemporaneidade e educação.** Teorias do desenvolvimento da aprendizagem, UNISINOS, p. 1-14, 2001 . Disponível em: www.teoriasdaaprendizagem.viabol.uol.com.br . Acesso em 10 de setembro de 2010.

HEDEGGARD, M. A zona de desenvolvimento proximal como base para o ensino. In H. Daniels (Org.), Uma introdução a Vygotsky. São Paulo: Loyola, p. 199-228, 2002

KELLER-LAINE, K. Parents as partners in schooling: The current state of affairs. Childhood education, 74, 342-345, 1998.

KRATOCHWILL, T. R., McDonald, L., Levin, J. R., Bear- Tibbets, H. Y., & Demaray, M.. **Families and school together: An experimental analysis of parent- mediated multi-family group program for American Indian children.** p. 359-383, 2004.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina de A. Pesquisa. (Cap. 8) In: **Fundamento da Metodologia Científica**. SP: Atlas, 2001.

LASCH, C. **Refúgio num mundo sem coração: a família santuário ou instituição sitiada**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

LIMA, E. **Desenvolvimento e Aprendizagem na Escola – aspectos culturais, neurológicos e psicológicos**. São Paulo: Sobradinho, 2006.

MAIMONI, E. H.; BORTONE, M. E. **Colaboração família-escola em um procedimento de leitura para alunos de séries iniciais**. Psicologia escolar e educacional. Campinas, 2001.

MAHONEY, A. A. **Contribuições de H. Wallon para a reflexão sobre as questões educacionais**. In V.S. Placco (Org.), *Psicologia & Educação: Revendo contribuições*, São Paulo: Educ, p. 9-32, 2002.

MARINI, F. **Escola e famílias de periferia urbana: o que dizem seus protagonistas sobre esta relação e o que propõem para as interações**. Disponível em www.aneped.org.br. Acesso em maio, 2010.

MARQUES, R. (2002). O envolvimento das famílias no processo educativo: Resultados de um estudo em cinco países. Disponível em: www.eses.pt/usr/Ramiro/Texto.htm. Acesso em 10 de novembro de 2010.

NOGUEIRA, M. A. **Família e Escola na Contemporaneidade: os meandros de uma relação**. Disponível em: www.anped.org.br/reuniões/28/textos. Acesso em 20 de setembro de 2010.

_____. **A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias: a ação discreta da riqueza cultural**. Anped – Revista Brasileira de Educação de São Paulo, n.7, p.42-56, 1998.

NÓVOA, A. **Professor se forma na escola**. Nova Escola, São Paulo, n. 142, p. 13-15, maio 2001.

_____. **Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente**. Teoria e Educação, n 4, p. 109-139, 1991.

OLIVEIRA, M. **Os fatores relacionados à aprendizagem, ao fracasso escolar e à educação especial**. Disponível em www.recantodolivros.uol.com.br . Acesso em maio, 2010.

OLIVEIRA, Z.M.R. **Interações sociais e desenvolvimento: a perspectiva sociohistórica**. Caderno do CEDES, 20,p. 62-77, 2000.

PARO, V. H. **Gestão da escola pública: a participação da comunidade**. Revista brasileira de estudos pedagógicos, v. 73, n 174, p. 255-290, 1992.

_____. **Gestão democrática de escola pública**. São Paulo, Àtica 1997.

_____. **Qualidade do ensino: a contribuição dos pais**. São Paulo: Xamã 2007.

PAROLIN, I. C. H. **Família e Escola: Instituições Parceiras.** Temas em Educação II. Jornadas 2003. São Paulo: Futuro congresso e Eventos Ltda, 2003.

PATO, M.H.S. A família pobre e a escola pública: anotações sobre um desencontro. Psicologia USP, São Paulo, v.3, n 1-2, p. 107-121, 1992.

PERRENOUD, P. **10 novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

PEIXOTO, C. E.; CICCHELLI, V. **Sociologia e antropologia da vida privada na Europa e no Brasil.** Os paradoxos da mudança. In: PEIXOTO, C. E.; SINGLY, F. de; CICCHELLI, V. (Orgs.). **Família e individualização.** Rio de Janeiro: FGV, p.7- 11, 2000.

PEREZ, M.C.A. **Família e escola na educação da criança:** análise das representações presente em relatos de alunos, pais e professores de uma escola pública de ensino fundamental. Dissertação – faculdade de Educação, universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. **Práticas educativas da família e da escola e seus efeitos no desempenho escolar de crianças das camadas populares do ensino fundamental.** Tese – faculdade de Educação, universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

POURTOIS, J.P., DESMET, H. **A Educação Pós-Moderna.** São Paulo: Loyola, 1999.

REGO, T. C. **Memórias de escola: Cultura escolar e constituição de singularidades.** Perópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2003

RIGONATTI, S. P. et al. **Temas em psiquiatria forense e psicologia jurídica.** São Paulo: Vetor Editora Psico- Pedagógica, 2003.

ROMANELLI, G., (sd.). **Escola e família de classes populares: notas para discussão.** mimeo.

SARTI, C. A. **Família e individualidade: um problema moderno.** In: CARVALHO, M. (org) **A Família Contemporânea em Debate.** 6. ed. São Paulo: EDUC., p. 39-49, 2005.
STEHR, N. **Da desigualdade de classe à desigualdade de conhecimento.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo. 101-112, 2000.

_____. **Família e individualidade: um problema moderno.** In: CARVALHO, M. C. B. **A família contemporânea em debate.** São Paulo : EDUC. p. 39-49, 1997

SIGOLO, N. R. L.; LOLLATO, S. O. **Aproximações entre escola e família: um desafio para educadores.** In: CHAKUR, C. R. de S.L. (Org). **Problemas de educação sob o olhar da psicologia.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2001.

STEWART, E.W. , GLYNN, J. A. **Sociologia: uma introdução.** São Paulo: Atlas, 1978.

SUTTER, Graziela. **Refletindo Sobre a relação família – Escola.** Disponível em: < <http://www.webartigos.com/articles/926/1/refletindo-sobre-a-relacao-familia---escola/pagina1.html> , Acesso em 10 de novembro. 2010.

SZYMANSKI, H. Encontros e desencontros na relação família-escola. In: TOZZI, D. A.; ORNESTI, L. F. (Coord.). **Os desafios enfrentados no cotidiano escolar**. São Paulo: FDE, 1997.

TERRAIL, J. P. **La sociologie des interactions famille-école**. *Sociétés contemporaines*, n. 25, p. 67-83, 1997.

TIBA, I. **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo: Gente, 1996.

_____. **Quem ama, educa**. São Paulo: Gente, 2002.

VAITSMON, J. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pos-modernas**, Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VICENTE, C.M. **O direito à convivência familiar comunitária: uma política de manutenção do vínculo**. In: KALOUSTIAN, S.M. (Org). **Família brasileira: a base de tudo**. São Paulo: Cortez, 1998.

WALLON, H. **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Estampa, 1975.

ZAGO, N. **Classes populares e a questão escolar: um estudo sobre as trajetórias de escolarização a nível de primeiro grau**. In: Reunião Anual da ANPED, Caxambu: ANPED, 2003.